

ÀS SETE DA TARDE, QUANDO MORREM AS MÃES

de

AveLina Pérez

tradução de

Sofia Lobo

Edición Cena Lusófona

PERSONAGENS

Atriz

Público 1 — Um homem

Público 2 — Um homem

Público 3 — Um homem

Público 4 — Uma mulher

Público 5 — Uma mulher

Quando o texto faz referência a Todos, entende-se que é o Público, não a Atriz.

Quando o público entra, o espetáculo já terá começado. A entrada dos espetadores fará parte do espetáculo; tudo o que acontecer na sala fará parte do espetáculo: os movimentos nas cadeiras, o virar das cabeças, a procura dos olhares, as tosses, alguém que se levanta, o aplauso ou a falta dele...

A atriz está em palco e observa o público.

PÚBLICO 1 — Estamos preparados para a comoção.

PÚBLICO 2 — Preparados para a ação.

PÚBLICO 3 — Preparados para o riso e para a reflexão.

PÚBLICO 4 — Preparadas para a surpresa.

PÚBLICO 5 — Absolutamente preparadas para qualquer surpresa.

PÚBLICO 1 — Queremos que a atriz nos surpreenda.

PÚBLICO 2 — Queremos que a atriz nos faça pensar.

PÚBLICO 3 — Queremos que a atriz nos proporcione um momento divertido.

PÚBLICO 4 — Queremos que a atriz nos estimule.

PÚBLICO 5 — Queremos que a atriz seja a nossa voz.

PÚBLICO 2 — Queremos que a atriz seja a voz de outro.

PÚBLICO 5 — A do oprimido.

PÚBLICO 4 — A do arrogante.

PÚBLICO 1 — A do ausente.

PÚBLICO 3 — Que nos excite.

PÚBLICO 2 — Que nos emocione.

PÚBLICO 4 — Que nos divirta.

PÚBLICO 2 — Sim, que nos divirta.

PÚBLICO 1 — Somos espetadores exigentes.

PÚBLICO 3 — Somos espetadores preparados.

PÚBLICO 4 — Necessitadas.

PÚBLICO 5 — Exigentemente necessitadas.

PÚBLICO 3 — Pagámos o nosso bilhete para te ver.

PÚBLICO 5 — Para que nos satisfaças.

PÚBLICO 2 — Pagámos o nosso bilhete porque temos dinheiro suficiente para pagar o bilhete.

PÚBLICO 1 — Porque não temos fome.

PÚBLICO 4 — Porque não estamos em guerra.

PÚBLICO 1 — Porque não estamos mutilados.

PÚBLICO 2 — Porque os nossos pais não nos mataram.

PÚBLICO 3 — Os nossos pais não nos mataram porque não é fácil enganar-nos.

PÚBLICO 1 — Temos lido muito.

PÚBLICO 4 — Esta não é a primeira peça de teatro a que assistimos.

PÚBLICO 5 — Temos ido à ópera e ao cinema.

PÚBLICO 3 — A museus de arquiteturas modernistas.

PÚBLICO 2 — Conhecemos emoções fortes.

PÚBLICO 1 — Fazemos amor barbaramente.

PÚBLICO 5 — Sofisticadamente.

PÚBLICO 2 — Ternamente.

PÚBLICO 3 — Temos carros que atingem os trezentos quilómetros por hora.

PÚBLICO 4 — Sabemos das guerras.

PÚBLICO 1 — Conhecemos as datas das guerras.

PÚBLICO 3 — Mil novecentos e trinta e nove.

PÚBLICO 1 — Mil novecentos e catorze.

PÚBLICO 4 — Mil oitocentos e cinquenta e três.

PÚBLICO 5 — Conhecemos as teorias marxistas.

PÚBLICO 1 — A filosofia socrática.

PÚBLICO 4 — E a pré-socrática.

PÚBLICO 2 — Tu tens a obrigação de nos dar algo mais.

PÚBLICO 3 — Tens a obrigação de nos fazer pensar.

PÚBLICO 5 — Tens de nos fazer sonhar, para podermos esquecer as teorias marxistas.

PÚBLICO 4 — Esquecer as datas das guerras.

PÚBLICO 3 — Mil novecentos e noventa.

PÚBLICO 1 — Mil novecentos e cinquenta e cinco.

PÚBLICO 4 — Mil novecentos e trinta e seis.

PÚBLICO 1 — Dois mil e onze.

PÚBLICO 4 — Dois mil e catorze.

PÚBLICO 2 — Porque foi para isso que pagámos bilhete com o dinheiro do nosso trabalho.

PÚBLICO 1 — Trabalhamos muito e estamos cansados de trabalhar.

PÚBLICO 5 — Muito cansadas.

PÚBLICO 3 — Esgotados.

PÚBLICO 1 — Esgotados de cuidar das nossas crianças.

PÚBLICO 2 — E das nossas mães.

PÚBLICO 4 — Queremos que nos alivies do cansaço de cuidar das nossas crianças.

PÚBLICO 2 — E do cansaço de cuidar das nossas mães.

PÚBLICO 4 — Que nos distraias desse cansaço infernal.

PÚBLICO 3 — Precisamos de ti.

PÚBLICO 1 — Gostamos de ti.

PÚBLICO 4 — Sabemos que não é fácil.

PÚBLICO 2 — Tens a nossa compreensão.

PÚBLICO 4 — Sabemos que não é nada fácil.

PÚBLICO 1 — Por isso gostamos de ti, porque sabemos que nada é fácil.

PÚBLICO 3 — Desejávamos ansiosamente ver-te.

PÚBLICO 5 — O palco é teu.

PÚBLICO 3 — Tens a liberdade para fazer com ele o que desejares.

PÚBLICO 2 — Porque somos humanos e compreendemos a tua humana humanidade.

PÚBLICO 4 — Se esqueceres o texto.

PÚBLICO 5 — Se caíres e te magoares.

PÚBLICO 1 — Não vamos rir, se caíres e te magoares.

PÚBLICO 2 — Compreenderemos o ridículo, se caíres e te magoares.

PÚBLICO 1 — Ou se te faltar o ar para dizeres um monólogo.

PÚBLICO 2 — Conhecemos a palavra *monólogo*.

PÚBLICO 4 — E *solilóquio*.

PÚBLICO 2 — Compreenderemos se te faltar o ar num solilóquio.

PÚBLICO 5 — Ou se cair um projetor e te esmagar.

PÚBLICO 1 — Não vamos rir, se um projetor te esmagar.

PÚBLICO 2 — Sofreremos contigo.

PÚBLICO 4 — Rezaremos por ti e pela tua morte em cena, se algum projetor te esmagar.

PÚBLICO 3 — Essas coisas podem sempre acontecer.

PÚBLICO 5 — É o preço que há a pagar.

PÚBLICO 2 — Nós compreendemos-te.

PÚBLICO 1 — E gostamos de ti.

PÚBLICO 4 — Sim. Gostamos de ti.

Começa a ouvir-se o Requiem de Mozart.

PÚBLICO 2 — Silêncio!

PÚBLICO 5 — A música é um sinal de silêncio! Silêncio!

PÚBLICO 3 — Ou de atenção! Atenção!

PÚBLICO 2 — Silêncio!

PÚBLICO 4 — Atenção!

A atriz dança, desesperada e ridiculamente, o Requiem de Mozart. A atriz dramatiza — sim, dramatiza — o Requiem, enquanto o público ri cada vez com mais força e bate com os pés no chão, fazendo muito barulho.

Termina a peça.

Aplausos.

PÚBLICO 1 — Genial!

PÚBLICO 3 — Lindíssimo!

PÚBLICO 1 — Irónico!

PÚBLICO 3 — Ironicosíssimo!

PÚBLICO 1 — Uma vez fui ver um espetáculo do meu filho mais novo numa festa de fim de ano. Puseram este *Requiemdemozart*, este! Os miúdos estavam vestidos de coelhos e saltavam pelo palco. Um dos miúdos, o meu, não, outro miúdo que não era meu, graças a Deus que não era o meu, ficou num canto do palco, a chorar. Era tão bonito ver um miúdo disfarçado de coelho, com uma cenoura na mão, que chorava enquanto o *Requiemdemozart* tocava. Era tão bonito como agora. Ao miúdo morrera-lhe a mãe há pouco tempo, há umas horas, e o pai, pobre pai, como não sabia onde o deixar, levou-o ao colégio com o disfarce de coelho, e a professora especial, a encarregada dos casos em que as mães morrem de repente, meteu-o ali para que saltasse, para que se divertisse com os outros miúdos, com os miúdos com mães, para que não se sentisse discriminado. Foi o melhor da festa. Acabo de me lembrar.

Silêncio breve, no qual o PÚBLICO 1 recorda tempos passados.

PÚBLICO 1 — Não podias pôr um disfarce de coelho? Não podias fazê-lo por mim? Para lembrar momentos da minha juventude... Momentos felizes da infância do meu miúdo.

A ATRIZ evita os olhos do PÚBLICO 1.

PÚBLICO 1 — Nesse dia, no dia da festa, ao sair comprei um gelado de abacate ao meu miúdo; o pequeno comia o gelado enquanto cantarolava o *Requiemdemozart*, teria três anos o meu filho da puta, desculpem, e já entoava perfeitamente todas as notas.

Não há nada melhor do que trazer ao mundo alguém assim, alguém que come gelado de abacate enquanto entoa todas as notas do *Requiemdemozart*. É fantástico!

PÚBLICO 1 cantarola o Requiem.

PÚBLICO 4 — E o final?

PÚBLICO 1 — Que final? Este é o final.

PÚBLICO 4 — Que aconteceu ao miúdo que chorava?

PÚBLICO 1 — Continuaram as outras atuações e todos eram coelhos com a mesma música, os de três anos, os de quatro anos, os de cinco anos, os de seis anos, os de sete anos, todos, até os de treze. Continuavam a passar pelo palco, e o miúdo esteve em todas as atuações. Todas as mães recolhiam os seus meninos do meio da coelhada, mas, como ele não tinha mãe, ninguém veio tirá-lo do palco.

Quando saímos, o miúdo continuava ali.

Assim como no dia seguinte o miúdo ainda continuava ali.

Pode ser que ainda lá esteja, à espera de uma mãe.

Não posso saber. Não se pode saber o final de todas as atuações. Existem os finais abertos.

PÚBLICO 5 — Os finais abertos são uma estrutura muito interessante e sugestiva.

PÚBLICO 1 — É uma sorte que já existam nas festas de fim de ano.

Silêncio. Um suspiro.

PÚBLICO 1 — Não podias pôr um disfarce de coelho? Não podias fazê-lo por mim? Para lembrar momentos da minha juventude... Momentos felizes da infância do meu miúdo.

A ATRIZ evita os olhos do PÚBLICO 1.

A ATRIZ evita os olhos do PÚBLICO 1.

A ATRIZ pensa, tira um papel, lê para si. Guarda o papel.

Pensa, volta a tirar o papel, lê para si. Guarda o papel. Declama.

ATRIZ — *Quién mató al Comendador?*

Fuenteovejuna, señor!

Pensa, volta a tirar o papel, lê para si. Guarda o papel. Declama.

ATRIZ — *Quién mató al Comendador?*

Fuenteovejuna, señor!

Pensa, volta a tirar o papel, lê para si. Guarda o papel. Declama.

ATRIZ — *Quién mató al Comendador?*

Fuenteovejuna, señor!

Aplausos fervorosos e impetuosos.

TODOS — Bravo! Esplêndido! Impressionante!

PÚBLICO 5 — Maravilhosa síntese! Sim, senhor! Maravilhosa!

PÚBLICO 1 — A sabedoria escondida na mínima expressão! Isso, sim! *Quién mató al Comendador?*

PÚBLICOS 3, 4 e 5 — *Fuenteovejuna, señor!*

Aplausos sincronizados e ritmados.

PÚBLICO 1 — Eternamente agradecido por este breve momento.

PÚBLICO 4 — Eternamente emocionada.

PÚBLICO 5 — É nos frascos pequenos que se encontram os grandes perfumes.

PÚBLICO 3 — Pele de galinha.

PÚBLICO 4 — Arrepio.

PÚBLICO 2 — Desconcerto.

PÚBLICO 1 — Desconcerto?

PÚBLICO 2 — Um desconcerto... gratificante... quero dizer.

PÚBLICO 1 — Ah!

Silêncio breve.

PÚBLICO 1 — Estes são os momentos sublimes do teatro, os momentos sublimes da vida.

PÚBLICO 2 — Sim.

Silêncio breve.

PÚBLICO 2 — Deixei a minha mãe ao cuidado de um desconhecido. Chorava. Intuí-a, eu, não a minha mãe, era eu quem intuía que algo grande iria acontecer hoje e não estava enganado. A minha mãe não podia compreender.

PÚBLICO 3 — As mães são umas mal-agraçadas.

PÚBLICO 2 — Chorava porque o desconhecido tinha pelos compridos nos dedos.

PÚBLICO 3 — As mães são umas preconceituosas.

PÚBLICO 2 — Ter pelos compridos nos dedos e ser um desconhecido não faz de ti uma pessoa que não possa cuidar de uma mãe, só faz de ti um desconhecido que tem pelos compridos nos dedos. A minha mãe não conhece o *Comendador* nem *Fuenteovejuna*, isso não faz dela uma má mãe, só faz dela uma mãe que não conhece o *Comendador* nem *Fuenteovejuna*.

Amanhã compro-lhe um pacote grande de castanhas assadas, e enquanto as estiver a comer, caladinha, provavelmente a chorar, conto-lhe a história de *Fuenteovejuna* e do *Comendador*, para que seja uma mãe feliz.

PÚBLICO 4 — És um bom filho.

PÚBLICO 2 — Obrigado.

PÚBLICO 5 — Compaginar o amor aos clássicos e o amor à mãe não é fácil.

PÚBLICO 2 — Não.

PÚBLICO 5 — Olhem para a atriz. De certeza que também tem mãe e de certeza que teve de a deixar só, atirada para um quarto qualquer, enquanto ela vinha atuar para nós, dar-nos a sua arte, é provável que a sua mãe esteja só, é provável que a sua mãe tenha dores por causa da artrite, que caia quando se tentava levantar para tirar um copo de água da bilha, é provável, inclusive, que a sua mãe morra hoje, que morra só, é provável que depois do espetáculo chegue a casa e de súbito: Pum! Órfã! Com uma mãe fria num chão de azulejos velhos.

PÚBLICO 3 — A atriz sabe disso tudo e continua a atuar.

PÚBLICO 1 — Para nós.

PÚBLICO 4 — E nós agradecemos-lhe com os nossos aplausos.

PÚBLICO 1 — Agradecemos-lhe a sua generosidade e a morte da sua mãe artrítica com os nossos aplausos. Nós vamos dar-lhe todo o calor que lhe vai faltar com a sua súbita orfandade.

PÚBLICO 3 — Aplaudiremos até que...

Um forte estrondo corta as palavras do público. A atriz bate num gongo, criando uma melodia sem ritmo que invade o teatro.

Silêncio vibrante.

PÚBLICO 3 — A hipoacusia é uma doença do ouvido que...

Golpe de gongo.

PÚBLICO 3 — O tímpano é uma parte básica do corpo, queremos...

Golpe de gongo.

PÚBLICO 3 — Precisamos de sair daqui com os ouvidos intactos, não podemos permitir...

Golpe de gongo.

PÚBLICO 3 — Temos de ouvir as nossas mães e os nossos...

A atriz bate no gongo repetidamente, até ficar extenuada. No ar, a vibração.

PÚBLICO 1 — Não é admissível o excesso de confiança.

PÚBLICO 5 — Ser órfã não te dá o direito de nos causares possíveis doenças.

PÚBLICO 4 — Interpretar os clássicos adequadamente não te dá o direito de nos causares possíveis doenças.

PÚBLICO 2 — A minha mãe está com um desconhecido.

PÚBLICO 1 — Choro ao recordar o meu filho disfarçado de coelho.

PÚBLICO 4 — A nossa sensibilidade vital projeta-se numa sensibilidade acústica.

PÚBLICO 3 — Sinto-me enjoado.

PÚBLICO 5 — Evitamos a brutalidade.

PÚBLICO 1 — Somos amantes da delicadeza.

PÚBLICO 4 — Podemos interpretar os signos cénicos adequadamente porque somos pessoas preparadas, não toleramos os excessos nem as agressões. Detetamo-las.

PÚBLICO 5 — Tens de ter cuidado connosco.

PÚBLICO 3 — O *Requiem* de Mozart e o *Fuenteovejuna* excitam a nossa sensibilidade. Mas não esses golpes. Não gostamos de golpes.

PÚBLICO 2 — Não batemos nos nossos filhos nem nas nossas mães.

PÚBLICO 1 — Nem nas nossas mulheres.

PÚBLICO 3 — Nem nos nossos carros.

PÚBLICO 4 — Cuidamos dos tímpanos de todos os que nos rodeiam.

PÚBLICO 2 — E de todas.

PÚBLICO 5 — Por isso, cuidado connosco.

PÚBLICO 1 — Não nos compreendes?

PÚBLICO 2 — A única coisa que queremos é um momento de tranquilidade, de reflexão e de riso.

PÚBLICO 1 — Um momento bonito.

PÚBLICO 3 — Um momento de amor.

PÚBLICO 5 — Pagamos para isso e tu queres que fiquemos doentes.

PÚBLICO 3 — A hipoacusia é uma doença do ouvido que provoca uma perda parcial ou total da audição. Toda a gente sabe.

PÚBLICO 4 — Não podes magoar os nossos tímpanos sensíveis com sons nocivos.

PÚBLICO 2 — Podias falar-nos de amor.

PÚBLICO 3 — Dar-nos amor.

PÚBLICO 1 — Pedir-nos amor.

PÚBLICO 5 — Contar-nos histórias de amor.

PÚBLICO 2 — Ficávamos tão agradecidos...

PÚBLICO 3 — Eu estou só, venho ao teatro à procura de amor, todos os dias deixo uma mulher que me ama, digo-lhe que eu não a amo, que me fartei dela. Todos os dias às sete da tarde estou de novo só e venho aqui à procura de amor. São muito duros os anoiteceres na minha vida, muito duros...

Silêncio breve.

PÚBLICO 3 — Isso a atriz não pode compreender.

Silêncio breve.

PÚBLICO 3 — Mas vai ter de compreender.

Silêncio menos breve.

PÚBLICO 3 — Hoje deixei uma que pintava os beijos de vermelho e a pintura escorregava pelas comissuras, tal como a pintura da atriz — vejam a pintura da atriz, que nojo que dá — e escorregava pelos dentes. Berrava com a sua cara de palhaça e fazia carantonhas grotescas, máscaras de dor grotescas; parecia um quadro expressionista, era como um quadro expressionista que não sei se me agradava ou não. Ela berrava como uma louca e eu pensava: Gosto deste quadro expressionista? Pendurava-o na sala da minha casa? A luz dava-lhe de lado, assim, provocando claro-escuros interessantes, peguei no *iphone*, tirei-lhe uma fotografia e ela partiu-me o *iphone*, acabara de o comprar porque a mulher da tarde anterior me partira o *iphone* anterior, que acabara de comprar porque a mulher da tarde ante-anterior me partira o ante-anterior *iphone*...

São muito duros os entardeceres para mim...

E ainda por cima não tenho a quem ligar, porque todos os meus amigos estão gravados no *iphone* que me partem quando mais preciso dele.

Venho ao teatro à procura de amor.

E a atriz, em vez de fazer amor comigo, ou de me fazer uma felação delicada, só roçando com os dentes, rebenta-me um tímpano.

PÚBLICO 1 — Sentes que tens vertigens?

PÚBLICO 3 — Não.

PÚBLICO 2 — Ouves se eu falar baixinho?

PÚBLICO 3 — Sim.

PÚBLICO 5 — Dói-te o braço esquerdo?

PÚBLICO 3 — Não.

PÚBLICO 4 — Tens arritmia?

PÚBLICO 3 — Não.

PÚBLICO 4 — Consegues seguir o movimento deste dedo só com os olhos?

PÚBLICO 3 — Sim.

PÚBLICO 2 — Consegues tocar no nariz com os olhos fechados?

PÚBLICO 3 — Sim.

PÚBLICO 1 — Falta-te o ar?

PÚBLICO 3 — Não.

Silêncio concentrado. Um reconhecimento do corpo.

PÚBLICO 3 — Mas era possível que me acontecesse isso tudo. A atriz tem de ter consciência de que era muito possível que me acontecesse isso tudo. A atriz tem de ter consciência! No público pode haver pessoas com arritmias e com dores no braço esquerdo, ou pessoas a quem falta o ar.

PÚBLICO 2 — Pode haver pessoas com doenças raras.

PÚBLICO 4 — Por exemplo, que não vejam as coisas em movimento, que só vejam as fixas.

PÚBLICO 5 — Ou com comichões pelo corpo todo.

PÚBLICO 4 — Existe gente com fobia ao azul.

PÚBLICO 5 — A atriz tem uma responsabilidade para com as doenças raras.

